



## TALVEZ PORQUE NA VIDA É COMO UMA VIAGEM<sup>1</sup>

*MAYBE BECAUSE LIFE IS LIKE TRAVELING*  
*TAL VEZ PORQUE EN LA VIDA ES COMO UN VIAJE*

Ruy Duarte de Carvalho<sup>2</sup>

Talvez porque na vida é como uma viagem e o mundo, afinal, é preciso inventá-lo, caso contrário é igual por toda a parte... talvez porque há viajantes que nos revelam mais sobre certas paragens do que todas as viagens que porventura lá tenhamos feito... talvez porque nesta onda de globalização, de que tanto se procura falar, se viaja tanto, no real e no imaginário, por túneis feitos de interiores de aviões iguais, a demandar aeroportos iguais donde o viajante se transfere, entre avenidas iguais, para quartos de hotel e de conferência ou reunião iguais... talvez porque toda a literatura tenha talvez que abrir-se sempre ao que há para além, à aventura e ao mundo e porque escrever é sempre partir...

... a chamada literatura de viagem, ou a implicação viagem/literatura, tem andado nas últimas décadas a merecer um favor universal e é hoje até convocada para a Póvoa do Varzim e eu convocado para participar numa mesa-redonda à volta dela.

Responsável por isso é sem dúvida o facto de ter publicado recentemente dois livros que de alguma forma comportam enredos de viagem. Mas são ambos, também, livros de antropólogo, ou de etnólogo, se preferirem, um deles aparentado ao ensaio e o outro à ficção, e é dessa circunstância que poderei, sem ser analista, nem crítico, nem comentador de literaturas, tentar extrair argumentos que justifiquem um testemunho pessoal.

Existem, segundo os livros, viagens de negócios, de exilado, de deportado, viagens clandestinas, de espião, de emigrantes, viagens políticas, apostólicas, humanitárias, missionárias, peregrinas, existem até viagens de amor. Mas essas não são viagens apontadas ao ver, ao olhar, e de que resultem textos sobre o viajar. Viagens, a nós, aqui e agora, importam-nos são aquelas que geram livros. Há mesmo até viagens que o que visam é só livros. O que seria de uma

---

1 Lido na Póvoa do Varzim, Portugal, em Fevereiro de 2001, e publicado em: CARVALHO, Ruy Duarte de. *a câmara, a escrita e a coisa dita... fitas, textos e palestras*. Lisboa: Cotovia, 2008, p. 121-122. Transcrição: Nazir Ahmed Can (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

2 Escritor angolano.



viagem sem o livro que a aviva, que lhe prolonga o rastro – e sem todos os livros, também, que a guiaram e lemos antes de nos metermos a caminho? Perguntará o escritor-viajante para quem, talvez ainda, a verdadeira viagem não comece senão chegado o tempo das reminiscências... E o jornalista-viajante-escritor poderá muito bem, em perfeita legitimidade, partir para encontrar na própria viagem a matéria da sua obra ou situar nela uma acção qualquer. O que o atrai na viagem é sobretudo o texto que vai extrair-lhe. Livros há, pelo contrário, que resultam das paixões viajeiras de devoradores de espaços. Para estes, é o indizível da viagem que os conduz à literatura, e assim se sujeitam a um debate constante contra o texto que produzem porque este, ao escrever-se, não cessa de se fechar sobre si mesmo, e eis o viajante obrigado a dominar a forma, a encadear as imagens, a ordenar os conceitos, e a situá-los, quando para ele um texto é precisamente aquilo que não pode ser reduzido a contextos. Trata-se quase sempre, neste caso, continuam a dizer os livros, de um viajante que tende a deter-se longamente nos seres e nas coisas, a imiscuir-se na sua vida íntima. Viagem portanto de aprendizagem, filosófica. E ele pode ser apenas um viajante a quem a paixão levou a escrever, ou apenas um escritor que encontrou na viagem a via para se constituir na relação com os outros e extrair daí a auto-percepção de que carece enquanto homem e enquanto autor. Deter-se assim na substância dos seres e das coisas não o implica obrigatoriamente como profissional da observação. Pratica apenas outro tipo de viagem que não o da viagem-relâmpago, modalidade que pode muito bem, aliás, estar implícita ao viajar de quem viaja e produz textos por imperativo profissional. É o caso do explorador. Também ele é um viajante que atravessa, procura, regista e passa. Sempre em busca do novo e em fuga para a frente.

Acabei de articular um apanhado de observações saídas umas da minha própria lavra e pescadas outras de dois ou três textos que andei a ler para indicar em aulas. Viagem e literatura andam juntas desde a confirmação desta, e a etnografia é da viagem que nasce. Retomando o curso da conversa diria ainda que a etnografia, fundada pela viagem, se instaura quando a exploração se detém, quer dizer, cessa a travessia e se instala a estadia sem que ainda assim se anulem nem as vertigens nem as tentações da viagem. A ficção da viagem. Porque de ficção se há-de sempre tratar, se da viagem resulta um livro. Um dos atractivos, diz-se, dos livros de viagens, é poder ser usufruído, mesmo que isso tenha que passar por um acordo entre o autor e o leitor, como se de um livro de ficção não se tratasse. Mas parece saber-se, também, que um bom livro de viagens será sempre uma estória tida por verdadeira, que é dada a viver-se como uma ficção. Se a isto acrescentarmos que as recentes metodologias aconselham ao etnógrafo que viva a sua aventura como se de uma ficção se tratasse, então a minha proposta, nem que fosse só para meu uso pessoal, seria a de que literatura e viagem se conjugassem em aventura experimentada tanto em extensão quanto em profundidade para ser então vivida como exaltação e narrada depois como a estória verdadeira de uma tal vontade.